



RICARDO MAGDALENA.
ARQUITECTO MUNICIPAL DE
ZARAGOZA (1876-1910)

ASCENSIÓN HERNÁNDEZ MARTÍNEZ,
ZARAGOZA: INSTITUCIÓN “FERNANDO EL
CATÓLICO”, 2012. 251 PÁGINAS

Beatriz Mugayar Kühl

pós- 263

UM LIVRO EXEMPLAR SOBRE A ARQUITETURA DA
VIRADA DO SÉCULO 19 PARA O SÉC. 20

¹ Uma resenha desse livro, intitulada “O problema da reprodução de obras arquitetônicas”, pode ser encontrada na *Revista CPC*, n. 7, p. 127-136, 2008.

² Parte dos temas abordados está publicada no artigo “Tres décadas de conservación del patrimonio arqueológico en España (1978-2008)”, na própria revista *Pós*, n. 31, p. 251-264, junho 2012.

Ascensión Hernández Martínez publicou, em dezembro de 2012, seu mais recente livro, que trata de uma figura profissional fascinante, com ampla atuação na virada do século 19 para o 20: o arquiteto aragonês Ricardo Magdalena (1849-1910).

Hernández – professora do Departamento de História da Arte da Universidade de Zaragoza desde 2000 – é mais conhecida entre nós por seus escritos voltados à preservação de bens culturais, em especial por seu instigante ensaio *La clonación arquitectónica* (Madri, Siruela, 2007)¹ e pela conferência que proferiu no programa de pós-graduação da FAUUSP, ***Tendências do restauro contemporâneo na Espanha***, em dezembro de 2011². Sua produção como historiadora da arte, área em que se graduou e fez o doutorado, é menos divulgada no Brasil e merece especial atenção.

A obra sobre Ricardo Magdalena é fruto de pesquisas de Hernández que se estenderam de 1989 a 1995, ano de conclusão de seu doutorado. O livro é uma atualização da tese, em que aprofunda e alarga os horizontes das análises, além de integrar as mais recentes pesquisas sobre o arquiteto e sobre a arquitetura do período. De grande formato, é ricamente ilustrado, tem belíssimo projeto gráfico e excelente qualidade de impressão. Em suas investigações, a autora perscrutou diversas fontes, como os próprios projetos e documentos de arquivos, registros fotográficos, artigos de jornais e de revistas, espanholas e estrangeiras, obtendo dados sobre 497 projetos. O recorte temporal vai de 1876, quando Magdalena começa a atuar como arquiteto municipal em Zaragoza, até 1910, ano de sua morte. O livro traz ainda belos registros fotográficos atuais das obras analisadas.

Magdalena é figura fascinante e multifacetada, que desempenhou papel proeminente, tendo muitas e relevantes obras construídas, a maior parte delas

públicas; mas, assim como outros profissionais de sua época, foi pouco estudado. Mesmo com produção mais centrada em Zaragoza, foi um dos poucos arquitetos espanhóis daquele período a atrair atenção internacional, e suas obras foram publicadas em diversos periódicos de outros países. No entanto, até os estudos de Hernández, a obra de Magdalena ainda não havia recebido a merecida atenção, num estudo monográfico aprofundado. A autora, ao questionar as causas desse ostracismo, aponta a depreciação da arquitetura do século 19, pela produção arquitetônica e pela historiografia da arquitetura espanhola no século 20, muito marcadas pelo movimento moderno. A valorização da arquitetura oitocentista começa a se fazer sentir a partir dos anos 1970, em especial com os estudos de Pedro Navascués Palacio; a pesquisa sobre Magdalena se situa nesse percurso de revisões historiográficas, em curso desde então.

A autora inicia sua narrativa examinando a vida de Magdalena e seu envolvimento com a arquitetura. Analisa sua formação – graduou-se em 1873 pela Escola Superior de Arquitetura de Madri –, numa época de profundas renovações do ensino de arquitetura na Espanha. Evidencia os principais referenciais do período, tanto os estrangeiros (Durand, Viollet-le-Duc), quanto os espanhóis (como Juan Miguel Inclán Valdés, Aníbal Álvarez), o papel dos periódicos, a repercussão na produção arquitetônica espanhola da época.

O segundo capítulo é dedicado à atuação de Magdalena como arquiteto encarregado do Escritório de Obras Municipais. Mostra como estruturou um escritório mais completo e enfrentou a crônica escassez de recursos, propondo procedimentos mais eficientes e econômicos. Aborda com tato os conflitos entre sua atuação como arquiteto de órgão público e o exercício da prática profissional para clientes privados, que era proibida. Examina as numerosas atribuições do arquiteto municipal, que iam muito além dos projetos arquitetônicos – de construção e reforma – dos edifícios municipais, englobando diversas atividades, como elaborar projetos urbanos e laudos periciais, aprovar redes de águas, inspecionar e recomendar obras necessárias para edifícios públicos e privados, para infraestrutura urbana e para transporte público, além de dirigir a companhia municipal de bombeiros. Magdalena atuou de forma incansável e eficiente, conduzindo o escritório de modo notável.

Nos capítulos três e quatro, a autora se detém na análise dos projetos arquitetônicos: os municipais, com destaque para o matadouro; e a renovação da arquitetura pública, em especial os projetos para a Universidade e para o Museu. As diversas obras que emergem nesses capítulos são magistralmente analisadas: além dos aspectos formais e funcionais, é possível acompanhar os desdobramentos da linguagem de Magdalena, suas referências e interpretações pessoais, a introdução de novas correntes, ancorando a produção do arquiteto no tempo e no espaço.

No capítulo cinco, Hernández volta suas análises para Magdalena e as transformações urbanas da cidade: até então, núcleo relativamente contido, pré-industrial, Zaragoza transforma-se numa urbe de incipiente caráter capitalista. Isso envolveu projetos de expansão e reordenação de áreas periféricas, de renovação do centro histórico, de instalação de novos equipamentos e serviços públicos. No capítulo seguinte, trabalha com temas ligados à imagem pública e vida cotidiana na cidade, evidenciando a atuação de Magdalena como arquiteto de interiores, que abrangia desde confeitaria até reforma do cassino e de teatros, além de

arquiteturas efêmeras, a exemplo de aparatos para visitas de autoridades. O capítulo sete é dedicado à relação de Magdalena com a Escola de Artes e Ofícios de Zaragoza, à qual esteve ligado como professor desde a primeira turma (1895-1896), dirigindo-a de 1900 até sua morte. Ainda outra faceta do arquiteto é explorada, no capítulo seguinte: a de restaurador. Hernández perscruta as relações entre a preservação do patrimônio aragonês, naquele período, e a do resto do país e da Europa, num momento de nascimento de consciência histórica e de construção de identidade.

O último capítulo é dedicado à sua última grande atuação profissional, a de coordenador das ações para a Exposição Hispano-Francesa de 1908. O evento teve mais de 500 mil visitantes, implicou a transformação de extensa área da cidade, com êxitos que ultrapassam os limites locais e marcam a inserção de Zaragoza na modernidade novecentista. A autora explora os projetos de Magdalena para o evento, em que conjugou duas vertentes: a integração das artes industriais na arquitetura e o gosto pelos pormenores ornamentais, em especial os fitomórficos; articula, assim, a produção de Magdalena aos movimentos de renovação de linguagem, da virada do século 19 para o 20.

Trata-se de uma pesquisa importantíssima em história da arquitetura, e que oferece, para além do interesse dos temas tratados em si, importantes elementos para os pesquisadores dessa área no Brasil, em especial para os que trabalham com a arquitetura daquele período, que, apesar das numerosas contribuições recentes, ainda é pouco explorado em nossa produção científica. A começar pelo rigor metodológico no tratamento das variadas fontes, e pela capacidade de análise da autora, que logra situar Magdalena como um filho de sua época, com papel excepcional nos destinos de uma cidade, Hernández articula a atuação do arquiteto com diversos temas: a vida sociocultural e política do período, a história da cidade, as questões relacionadas à formação profissional e condições de trabalho, a repercussão e fortuna crítica de seus trabalhos, oferecendo, assim, elementos essenciais para analisar o papel de suas obras no presente. Tudo isso, sem tender à dispersão, pois constrói o raciocínio a partir do cerne – a produção de Magdalena –, e tece as múltiplas relações, conseguindo a evidenciar a trama sociopolítica, cultural e econômica.

Além da qualidade, método e rigor, o trabalho de Hernández é ainda um exemplo de como transformar uma excelente pesquisa acadêmica num magnífico livro.

Beatriz Mugayar Kühl

É arquiteta formada pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, com especialização e mestrado em preservação de bens culturais, pela Katholieke Universiteit Leuven, Bélgica, doutorado pela FAUUSP e pós-doutorado pela Università degli Studi di Roma “La Sapienza”. Desde 1998, é professora do Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto da FAUUSP, onde se dedica a disciplinas de história da arquitetura e de preservação de bens culturais, tanto na graduação, quanto na pós-graduação.

Rua do Lago, 876, Cidade Universitária
05508-080 – São Paulo, SP
(11) 3091-4553
bmk@usp.br